

O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel

Maria Alice Amorim
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE – BRASIL
linguadepoeta@hotmail.com

Resumo: Embora estudiosos vaticinassem o desaparecimento do folheto de “acontecido” ante o avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa, a literatura de cordel não perdeu o vigor também nesse tipo de temática. Uma prova é a quantidade de títulos surgidos, em todo o país, a partir dos fatos e desdobramentos do trágico 11 de setembro, e a conseqüente aceitação do público, apesar de toda a mídia ter explorado o assunto à exaustão. Tal realidade faz pensar sobre os motivos que levariam tanto o autor, quanto os leitores e ouvintes de cordel a procurar esta forma de expressão literária, mesmo quando não há mais novidade jornalística no acontecimento registrado.

É na oralidade, hábito entranhado nas diversas culturas folk, que repousa o traço ancestral das literaturas populares. Por isso, e por outras razões que adiante apresento, não podemos dizer que os meios de comunicação de massa vieram suprir, com exclusivismo, a necessidade do povo em abastecer-se de notícias, tampouco ocupar o espaço de fruição dessas mesmas notícias, quando transmitidas por meios de comunicação produzidos pelo povo, e para consumo próprio, mesmo se o tema é algum assunto que envolva o imediatismo do enfoque jornalístico ou a premência do calor da hora, tão bem facilitados hoje graças à velocidade e sofisticação das novas tecnologias, cada vez mais acessíveis aos extratos sociais pobres. Foi exatamente o que ocorreu com os folhetos escritos sobre os atentados de 11 de setembro de 2001, cometidos nos Estados Unidos. Embora fadado a fenecer sob o império dos mass media, segundo o vaticínio de especialistas na morte do cordel, foi exatamente aí que o folheto de circunstância provou que agrada, sim, aos leitores e ouvintes porque, perante eles, exerce um fascínio.

Justamente no fascínio encontra-se a cadeia de explicações. Todos os títulos pesquisados, os quais encontram-se listados no final deste texto, fazem menção à barbaridade dos ataques e contra-ataques que desmantelaram a “ordem mundial”, além de apresentar, deliberadamente ou não, o posicionamento ideológico do escritor, que, em parte dos folhetos pesquisados, lança mão do humor e da ironia para apimentar a discussão sobre o assunto. A partir de um estudo comparativo da abordagem escolhida pelos poetas para tratar o tema, o objetivo do trabalho consistiu em descobrir os elementos (jornalísticos, históricos, sociológicos, filosóficos, literários) que tornam atraente o folheto de circunstância, num momento em que os meios de comunicação têm poder de penetração no meio popular muito maior do que o cordel escrito até os anos 70 do século XX. Sem dúvida nenhuma, o formato tradicional, a rima, o ritmo, o metro, a ilustração da capa, a opinião do autor e a maneira particular de abordagem e interpretação do fato, tudo se

transforma numa mistura fina, temperada ao sabor das metáforas e originalidade de cada poeta, cujo resultado é o deleite estético, o prazer do texto.

“Exercendo plenamente uma função de comunicação intermediária, o folheto não são apenas informativos, mas também interpretativos, opinativos e de entretenimento”, é o que diz o folkcomunicação Roberto Benjamin. Evidentemente, a temática era por demais apelativa; aliás, a comoção mundial é um território movediço que suga a todos. Nesse rastro, intermediários entre os processos formais de comunicação e o auditório/leitorado, os poetas tinham mesmo que atirar-se a criar, a reescrever a história, ainda que repisada de todos os modos pelos MM. Afinal, era a dicção poética, além dos recursos estilísticos possíveis na literatura de cordel, que deveria falar mais alto do que George W. Bush, quando empunhou o megafone, ante os escombros do World Trade Center, para encorajar a equipe de resgate, conforme vemos no desenho de capa do folheto de Arievaldo e Klévisson Viana. O formato tradicional do livrinho é, sem dúvida, um elemento de atração, sobretudo pelo apego às vivências de infância, freqüente entre os leitores de cordel. Contribui no chamamento a apresentação da capa, oferecida em diversas cores (predominaram as suaves: branco, amarelo, rosa, verde azul, creme), e com variedade de ilustrações (xilogravura, fotografia, fotomontagem, desenho com bico de pena e técnica mista).

As “fôrmas” poéticas, tão do agrado de consumidores de folheto, aliam-se à rima, ritmo e metro, quase completando o círculo de apelos – digo quase porque o tom com que o poeta trata o tema confere à obra o status de obra singular, atraente justo por peculiaridades impostas pelo criador, ou seja, pelo estilo do criador, associado à quantidade e qualidade de informações que detém. No âmbito da aceitação popular, as formas fixas propiciam a declamação, a memorização e a transmissão oral. É uma linguagem a que o povo está habituado a apreciar e, por isso mesmo, favorece o ato de apreensão da realidade. A maior parte dos folhetos analisados utilizou sextilha e septilha. A décima apareceu esporadicamente e uma oitava, apenas uma, foi feita por Stênio Diniz, em meio a estrofes de seis e sete linhas, com inabituais rimas cruzadas nas sextilhas. Os títulos indicam o maior ou menor esforço interpretativo dos fatos. Eis o que predominou: a relação dos atentados com o desencadeamento de uma terceira guerra mundial, e a polarização entre terrorismo talibã e americanismo.

As lições de história frutificaram. Quem já conhecia ou teve oportunidade de pesquisar sobre as relações dos Estados Unidos com o mundo árabe islamizado pôde elaborar um trabalho mais rico em informações históricas e em análise interpretativa. Foi o caso de Allan Sales, no folheto O império contra-ataca, que começa, veemente, com uma retrospectiva de massacres

protagonizados pelos EUA, como a guerra do Vietnam, de Irã/Iraque, e a bomba atômica em Hiroshima. Segue descrevendo o terrorismo de estado, a hipocrisia de “jogar bomba e jogar pão”, para lançar perguntas sobre os métodos norte-americanos de dominação, para lançar um libelo de paz e, sobretudo, de repúdio a toda sorte de anti-humanismo. Músico e compositor do Crato, Ceará, radicado no Recife desde 1969, Allan recorre a tradição que não anda muito em voga para grande parte dos poetas populares: pega na deixa em todas as catorze estrofes (septilhas rimadas em ABCBDDDB) para fazer, conforme próprio depoimento na contracapa do folheto, “uma reflexão sobre a resposta dos EUA aos atentados de 11 de setembro. O império mais uma vez impõe a todos sua ‘pax romana’, com conseqüências imprevisíveis”. O autor faz uma leitura sociológica dos fatos, relaciona dados históricos, expõe e condena a ideologia da dominação americana sobre o mundo. É um folheto extremamente politizado.

O poeta Pedro Américo, igualmente interessado em politizar o debate, analisa os fatos a partir de dois personagens emblemáticos: Osama e Bush. Expõe as relações escusas entre Osama bin Laden e a família Bush, desde a época em que Laden foi treinado pela CIA para defender os interesses americanos no Oriente Médio, durante o período de dominação da União Soviética naqueles territórios, em plena Guerra Fria: Tio Sam criou Osama / para combater o comunismo. A partir desse enredo de cobras de mesma ninhada, e de feitiço vertido contra o feiticeiro, o poeta critica as políticas de dominação americana e sai em defesa do humano e das relações sociais justas. São quinze estrofes, doze em septilhas (rima em ABCBDDDB) e três décimas (ABBAACDDC), em que também sobressai a denúncia do terrorismo de estado, apontada como tão ou mais grave que o terrorismo de grupos religiosos manipulados por interesses de lideranças espúrias. As décimas, utilizadas normalmente em fictícias peijas de cordel, são usadas para finalizar a história cujo título, um mote setissílabo em duas linhas (A dolorosa peija de Osama bin contra Bush), poderia sugerir a possibilidade de haver glosa, principalmente pela presença dos versos de dez linhas. O título é, ainda, sugestivo, dentro dessa argumentação, porque usa a palavra peija, entretanto não a oferece no sentido estrito da palavra. Assim, há a ocorrência deliberada de três indicativos de um gênero de cordel que, afinal, não se concretiza. Entretanto, o recurso é um jogo de palavras extremamente elaborado e lúdico.

É em tradicionais sextilhas rimadas em ABCBDB e metrificadas com esmero nas 59 estrofes distribuídas por 16 páginas que os irmãos Arievaldo e Klévisson Viana, do Ceará, apresentam o folheto publicado dois dias após a tragédia, numa clara convicção de que o assunto merecia ser explorado por cordelistas e, mais, que seria muito bem aceito pelos leitores e ouvintes. É um apelo à paz, não sem antes discorrer sobre as guerras no Oriente Médio e as

responsabilidades do Ocidente nesses conflitos; sobre a bomba atômica lançada pelos EUA sobre Hiroshima e Nagasaki; sobre a prepotência dos impérios, a exemplo do romano, otomano e, claro!, o americano; sobre a inteligência humana dirigida para as guerras, para o mal. Por ter sido publicado logo depois dos fatos, o folheto expõe as hipóteses de autoria dos atentados veiculadas nos jornais – talibãs, direita americana, Ku-Klux-Klan. Lança-as, porém sem querer induzir a nenhuma delas.

O poeta Olegário Fernandes, de Caruaru, infelizmente falecido na semana passada (03/04/2002), condena a fome, seca, carestia e, por cima de tudo isso, alarma-se com a iminência de uma guerra mundial, creditando ao americano forte, rico e potentado / e a metade do mundo / por ele é dominado a dura constatação de colher no presente / o que plantou no passado. Guaipuan Vieira também exorta: quem planta o mal colhe o mal / é a lei da recompensa. Stênio Diniz alerta, já no título, para os perigos de uma terceira guerra, e não se ilude acerca das causas: os modelos econômicos / precisam ser repensados / não se pode admitir / universo de explorados / é tempo de refletir / ou seremos arrasados. Marcelo Soares, que herdou do pai, o poeta-repórter José Soares, o gosto pelos folhetos de circunstância, alerta para uma provável guerra do fim do mundo, protagonizada pelos talibãs e os Estados Unidos, “o grande Satã”.

Um outro fascínio causado pelo livrinho noticioso é o repórter cordelista Paulo de Tarso quem resume na última estrofe do folheto Da ficção à realidade: Nova York em chamas. Diz a sextilha: Aqui foi outro resgate / do poeta cordelista / que também é um repórter / igual a um jornalista / mas narrando diferente / do jornal e da revista. É exatamente pela diversidade de linguagens que os diferentes meios de comunicação não engolem uns aos outros. Para cada mídia, é necessário um tratamento específico da notícia. Assim, o fato jornalístico em cordel ganha contornos próprios com a versificação, acrescido do charme da linguagem poética, que, para ser identificada como tal, exige a construção de imagens. É necessário ressaltar que, se um lead bem elaborado segundo a resposta àquelas cinco questões cruciais, tão caras ao registro do fato jornalístico (que, quem, quando, como, onde e por quê) é fundamental na captura do receptor, no folheto são as metáforas que iniciam e permeiam o texto o que mais cativa o consumidor de cordel. Nenhum poeta começa um bom folheto indo direto ao assunto, sem crescer um charme estilístico. Faz parte do enfeitamento invocar as musas, pedir inspiração aos deuses, ressaltar sentimentos de dor ou alegria, valer-se de lições bíblicas e sabedoria popular.

É a função estética do folheto um elemento de atração, da qual um dos resultados é o ludismo, o entretenimento. Daí a importância do modo como o poeta inicia os versos. Que Alá seja por mim / concedendo inspiração / como deu a Maomé / no momento do Corão / para que meus toscos versos / não tenham fins tão perversos / e nem causem comoção. Assim começa José Honório, em tom solene, invocando a proteção religiosa, os nomes de Alá e Maomé, a sapiência do Alcorão. Tudo passa nesta vida, / nada é novo sob o sol. / Nos diz o Eclesiastes / o maior livro do rol, / do Antigo Testamento / lindo como o arrebol. Assim começam Arievaldo e Klévisson Viana, exaltando a sabedoria bíblica, na tentativa de comover pelo argumento religioso, um forte argumento em situação de iminência de guerra. A força do mal ataca / outra vez este planeta / a chama da violência / traz uma luz violeta / que se apaga a cada instante / pelo som horripilante / surgida duma corneta. Assim começa Guaipuan Vieira, numa franca alusão às trevas do Apocalipse e à trombeta anunciadora do final dos tempos. Uma vez mais, o argumento religioso ecoa; o que não é novidade, graças à religiosidade dos autores e público de cordel. O destino é uma curva / fechada na contramão / filho de gato é gatinho / e quando cresce é gatão / mãe e pai azunha e mata / nem Alá que é Deus empata / fanatismo e obsessão. Assim começa o poeta Pedro Américo, contra-invocando a divindade, porque, embora a prerrogativa de onipotência, não livra a humanidade do fatalismo do destino em contramão, nem dos sentimentos impuros de “fanatismo e obsessão”.

Graças à iminência de uma guerra devastadora, e sob forte apelo à religiosidade popular, é recorrente o tom de admoestação, de invocação de preceitos morais, de alusão aos ensinamentos bíblicos e à sabedoria proverbial. É solene o tom de advertência. Para não perder a oportunidade de escrever sobre o tema, José Honório publica o folheto um mês após os atentados e, por isso, solicita a Alá que também receba os halos / do espírito picaresco para escrever uma história bem-humorada, após repassar os tópicos da tragédia de setembro. Ao terminar a narrativa da história do português que planeja um atentado contra o Congresso Nacional, em Brasília, exatamente por repudiar as piadas discriminatórias contra os lusitanos, o poeta retoma o discurso antibelicoso, antifanatismo, e em favor da democracia, da justiça e da paz. É importante ressaltar que o posicionamento do autor do folheto é sempre importante para marcar a diferença e, o que é melhor, o cordelista pode discorrer livremente sobre o assunto, expondo as próprias opiniões, crítica e análise, com a liberdade que os MM não têm, com a isenção que os MM não podem oferecer.

Longe de ser um método ineficaz de comunicação, ou um objeto de criação desprovido de valor literário, os folhetos publicados sobre o fatídico 11 de setembro atraíram, para si, não só as

atenções de leitores e ouvintes, também as atenções da mídia impressa e eletrônica, levando à produção de diversas matérias, artigos e reportagens. Os canais de televisão levaram o assunto à cadeia nacional, inclusive a outras partes do mundo por meio do sistema de TV a cabo. Os periódicos do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, a exemplo do Correio Brasiliense, O Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, entrevistaram poetas e pesquisadores, reproduziram trechos de folhetos, a capa de folhetos, fotografaram poetas. Num franco exemplo de metajornalismo ou metacomunicação, jornais de outras regiões e todos os jornais do Recife divulgaram a vitalidade do cordel de acontecido.

O que é um folheto de acontecido – Os estudiosos que se preocuparam em elaborar classificações temáticas dos folhetos de cordel catalogaram uma modalidade usada com frequência por determinados autores. É a que registra as notícias, como a morte de Getúlio Vargas, o menino que foi comido pelo leão do circo Vostok, um desastre de ônibus em Tacaimbó, as cheias do Capibaribe e as secas do sertão; enfim, acontecimentos que, mesmo apresentados em versos, são vistos sob a perspectiva do jornalismo. Com grande aceitação popular, alguns dos tais folhetos chegaram a surpreender pelo tamanho das tiragens. Conforme o pesquisador Roberto Benjamin, “João José da Silva chegou a produzir 200 milheiros de um único folheto de atualidade, sobre a morte do presidente Getúlio Vargas. Olegário Fernandes da Silva disse ter feito 24 milheiros d’A morte do coronel Ludugero”. Um poeta, ao identificar-se intuitiva e plenamente com essa modalidade, passou a auto-denominar-se “poeta-repórter”. Foi o paraibano José Francisco Soares (1914 – 1981), radicado em Pernambuco desde 1949, quem publicou, dentre outros títulos, Ludugero, morto ou vivo?, A cheia do Capibaribe, A gripe inglesa passeando no Brasil, O homem na lua, A morte de Juscelino Kubistchek.

Na classificação popular, coletada por Liêdo Maranhão, encontramos o folheto de acontecidos ou de época, cuja característica “é o seu aspecto jornalístico” e os poetas mais representativos são “Joaquim Batista de Sena, do Ceará; Rodolfo Coelho Cavalcanti, da Bahia; José Soares, do Recife; e Francisco de Paula”, conforme registra Liêdo. Nos ciclos definidos por Ariano Suassuna, situados a partir de dois grandes grupos por ele propostos (o tradicional e o de “acontecido”), há o ciclo histórico e circunstancial. Para Roberto Benjamin, os fatos de época ou de acontecido são classificados como folhetos informativos. Na classificação de Manuel Diégues Júnior, os fatos circunstanciais ou acontecidos subdividem-se naqueles de natureza física, repercussão social, cidade e vida urbana, crítica e sátira, elemento humano. Orígenes Lessa considera os casos de época dentre os temas efêmeros que não sobrevivem a reedições. No

catálogo de literatura popular da Casa de Rui Barbosa, basicamente elaborado por Cavalcanti Proença, tais folhetos encaixam-se na categoria “reportagem”.

Verificando a carga de tradição oral, o volume de informações, a familiaridade do poeta com esquemas de rima, ritmo e metro, a força poética das metáforas criadas por aqueles que são considerados, erroneamente, de poetas menores, não é possível render-se ao argumento simplista de que essa é uma literatura de produção pobre, sem complexidade. Além da importância comunicacional, que não se intimidou com a rápida evolução das tecnologias, é indiscutível a literária. Estão em jogo valores estético, pedagógico, lingüístico, sociológico, histórico, psicológico e filosófico, que não podem ser absolutamente desprezados, embora os compêndios continuem com o mesmo erro, ao considerá-la de pouca ou nenhuma importância. “No fim de contas, o desprezo ou esquecimento da literatura popular representará sempre o esquecimento e o desprezo do homem popular. E não se pense que isso é apenas um problema político, porque é também um problema científico e um problema estético”, adverte o professor e ensaísta português Arnaldo Saraiva. Ao invés de engolido pelos meios de comunicação de massa e novas tecnologias, e contra toda sorte de desprezo, o folheto vem interagindo, assimilando as mudanças, transformando os media em tema das narrativas e recursos favorecedores da continuidade, sem deixar desaparecer, felizmente, também os folhetos de acontecido ou de circunstância.

Bibliografia

1. Folhetos pesquisados:

DINIZ, Stênio. Terror nos Estados Unidos “Os perigos de uma 3ª guerra mundial”. Juazeiro: ed. autor, 2001.

FARIAS, P. Américo de. A dolorosa peleja de Osama bin contra Bush. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2001.

SALES, Allan. O império contra-ataca. Recife: ed. autor, 2001.

SILVA, José Honório da. O atentado terrorista e o desmantelo da guerra. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2001.

SILVA, Olegário Fernandes da. O atentado terrorista e o nosso sofrimento. Caruaru: ed. autor, 2001.

SOARES, Marcelo. A guerra do fim do mundo entre o povo talibã e os Estados Unidos que para eles são tidos como o “Grande Satã”. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2001.

TARSO, Paulo de. Da ficção à realidade “Nova York em chamas”. Fortaleza: ed. autor, 2001.

VIANA, A. e Klévisson. O sangrento ataque terrorista que abalou os EUA. Fortaleza: Tupynanquim, 2001.

VIEIRA, Guaipuan. Estados Unidos em chamas (um aviso para o mundo). Fortaleza: ed. autor, 2001.

2. Livros consultados:

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação no contexto de massa. João Pessoa: ed.Universitária, 2000. 150 p.
_____. “Os folhetos populares e os meios de comunicação social”. Symposium: Revista da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, ano XI, nº 1, set./69.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de arte poética. Rio de Janeiro: Ouro, 1965.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: Literatura popular em verso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. Estudos, tomo I. p. 1-151. (Col. de textos da língua portuguesa moderna, vol. 4)

SARAIVA, Arnaldo. Literatura marginal-izada. Porto: Roca Ares Gráfica, 1975. 172 p.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. Classificação popular da literatura de cordel. Petrópolis: Vozes, 1977. 104 p.